

**“QUE TIPO DE MULHER É ESSA PODEROSA E REAL TABERNEIRA?”:
UMA ANÁLISE DE MÉROE, A *FEMINA DIVINA* DE APULEIO**

*Gabriel Paredes Teixeira*¹

Resumo: A ampla presença da magia é um dos aspectos mais célebres da prosa ficcional *Metamorfoses*, composta por Apuleio de Madaura no século II d.C. A própria transformação do narrador em burro, evento central da trama, se deve a uma ação mágica. Responsável por algumas das passagens mais notáveis envolvendo as artes mágicas no interior do texto, a taberneira Méroe é uma de destaque no primeiro livro da obra. Unindo elementos presentes nas obras de outros autores romanos a características desconhecidas nos demais, Apuleio criou uma figura singular na tradição literária latina. Este artigo tem como objetivo analisar o conjunto de atributos de Méroe, investigando suas semelhanças e diferenças com relação às encontradas em outros textos latinos.

Palavras-chave: Méroe; Magia; literatura latina; *ueneficae*; Apuleio.

**“WHAT KIND OF WOMAN IS THIS POWERFUL AND ROYAL INNKEEPER?”: AN
ANALYSIS OF MEROE, APULEIUS’ *FEMINA DIVINA***

Abstract: The wide presence of magic is one of the most renewed aspects of the fictional prose *Metamorphoses*, written by Apuleius of Madaura in the 2nd century AD. Even the narrator's transformation into a donkey, the central event of the plot, is caused by a magical action. Responsible for some of the most notable passages involving magical arts within the text, the tavernkeeper Meroe is a prominent character in the first book of the work. Merging elements already present in the works of other Roman authors with characteristics unknown to others, Apuleius was able to create a singular character to the Latin literary tradition. This article aims to analyze the set of Meroe's attributes, examining her similarities and differences in relation to characters from other Latin texts.

Keywords: Meroe; Magic; Latin literature; *ueneficae*; Apuleius.

Introdução

No prefácio do seu livro *Magic in the Ancient World*, Fritz Graf (2001, p. vi) notara o “sólido crescimento do interesse no assunto” da magia no mundo antigo no decorrer das últimas décadas do século passado. A princípio, tal interesse fez com que os pesquisadores abarcassem na categoria “magia” uma série de práticas e crenças muitas vezes heterogêneas para seus praticantes. Com o passar dos anos, cada vez mais os classicistas passaram a voltar suas atenções para a produção científica originada em outras áreas, como a Antropologia e a Sociologia, como forma de expandir a compreensão do fenômeno da magia no mundo antigo. Uma das consequências desse movimento foi a comprovação de que, em sociedades tradicionais, muitos sujeitos que tomam parte ou que

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Membro do Laboratório de História Antiga (LHIA-UFRJ), sob orientação do Prof. Dr. Deivid Valério Gaia. Bolsista de demanda social da CAPES. E-mail: gparedes.teixeira@gmail.com

acreditam na eficiência de uma série de rituais considerados “mágicos” pelos observadores externos jamais os classificam dessa maneira. Hildred Geertz foi uma das primeiras a apontar os problemas relacionados à aplicação da abstrata “magia” para sociedades que não possuíam conceitos equivalentes (1975, p. 73-74). Críticas como a de Geertz fizeram com que antropólogos e outros estudiosos repensassem suas posições com relação ao tema, passando a evitar a utilização de categorias demasiadamente amplas e impostas às culturas estudadas de fora para dentro. Recentemente, um esforço equivalente começou a ser empreendido por alguns estudiosos da antiguidade, que passaram a notar nuances significativas na atitude de figuras literárias simplesmente classificadas como “mágicas” até então. Uma dessas figuras é a taberneira Méroe, personagem fictícia inserida por Apuleio na obra de prosa ficcional *Metamorfoses*, escrita em meados do século 2 d.C.²

A presença da velha Méroe, no primeiro livro da referida obra, pode provocar a curiosidade e o estranhamento dos leitores, tamanhos são os seus poderes. Os feitos da taberneira são narrados – em terceira pessoa – pelo andarilho Aristômenes, a quem o protagonista-narrador conhece em uma estrada durante sua viagem pela região da Tessália. O primeiro contato de Aristômenes com Méroe se dera, por sua vez, a partir de um relato de seu amigo Sócrates, que havia se tornado um dos inúmeros amantes da velha. Através dele, o andarilho tomara conhecimento de inúmeras façanhas das quais Méroe seria capaz, como fazer baixar o céu e suspender a terra, tornar sólidas as fontes e dissolver as montanhas, invocar fantasmas (*manes*), escurecer as estrelas e iluminar o próprio Tártaro. A velha seria famosa ainda por transformar seus rivais e desafetos em animais, além de inúmeras outras ações com o intuito de prejudicar as pessoas à sua volta. Aristômenes é testemunha dos poderes da velha ao ser surpreendido na mesma noite por sua presença – junto com sua “irmã” (*soror*) Pântia – no quarto onde os dois homens dormiam. Após invadir o aposento, Méroe utiliza uma espada para perfurar a garganta de Sócrates. Com um recipiente ela recolhe o sangue derramado e, enfiando a mão no orifício aberto, retira o coração da vítima antes de partir (Apul. *Met.* 1.7-14).

A passagem em questão, narrada logo no início da obra de Apuleio pelo viajante Aristômenes, tem por objetivo despertar a curiosidade e ansiedade do jovem Lúcio, que, logo após chegar à cidade de Hípata, recorda o episódio enquanto contempla a paisagem da região – entusiasmado por estar no coração da Tessália, local notadamente famoso

² Há diversas hipóteses sobre a verdadeira data de publicação do texto, mas evitaremos tal polêmica.

como terra natal das artes mágicas e de encantamentos (Apul. *Met.* 2.1). De acordo com Citroni (2006, p. 1008), no primeiro bloco narrativo do texto, que compreende os três primeiros livros da obra e se encerra com a malfadada metamorfose do jovem em burro (evento que confere o título à obra), “o tema dominante é o da *curiositas* de Lúcio”. Afinal, é a vontade de aprender os segredos da magia que leva o rapaz a experimentar o unguento que o transformaria em animal. A apresentação dos feitos de Méroe, logo no início da obra, funciona como uma forma do autor definir o tom sobrenatural e ameaçador que atravessa todo o primeiro bloco da narrativa. O tema dos poderes sobrenaturais das mulheres da Tessália e o perigo que elas representam aos viajantes é retomado pelo menos duas vezes no segundo livro (Apul. *Met.* 2.5, 2.21-30) e uma vez no terceiro livro da obra (Apul. *Met.* 3.15-18).

Em sua construção da velha Méroe, Apuleio muito provavelmente utilizou uma representação recorrente na literatura romana: as *anus ueneficae*³. Conhecidas desde a poesia de Horácio e presentes nas obras de autores como Ovídio, Propércio, Lucano e outros, essas velhas são marcadas por um conjunto de características constantes e identificáveis. Entre elas, podemos destacar sua capacidade de prejudicar outras pessoas por meio de encantamentos e poções, a invocação de fantasmas, o controle dos elementos da natureza (astros, rios, nuvens etc.) e a possibilidade de transformarem-se em animais. A utilização de tais representações por Apuleio para descrever as ações de Méroe fez com que diversos estudiosos a considerassem como uma das principais personificações do grupo das “bruxas latinas”⁴. Pollard (2008, p. 135), comparando Méroe com as demais personagens do grupo, considera-a como o “ápice da representação da velha praticante de magia” na literatura latina. Ogden (2008, p. 1) inicia seu livro dedicado às bruxas evocando a velha taberneira, a quem ele define como uma “bruxa grotesca” e Frangoulidis (2008) oferece atenção especial à personagem no decorrer de seu livro *Witches, Isis and Narrative*. Contudo, algumas características importantes da personagem fogem à relação das propriedades normalmente vinculadas às *anus ueneficae* – algumas, inclusive, são contrárias àquilo que normalmente se espera de mulheres que ocupam tal papel. Vejamos,

³ Os romanos possuem alguns termos distintos para referirem-se a tais personagens, variando de acordo com o gênero literário ou até mesmo o tipo de ação narrada. Contudo, uma série de características e descrições constantes permitem a identificação dessas personagens como um grupo coeso. A categoria *anus uenefica* foi proposta com o intuito de evitar a polêmica envolvendo a utilização do termo “bruxa”, empregado por diversos pesquisadores e cuja validação não faz parte do escopo deste trabalho.

⁴ O termo “bruxa” foi utilizado pelos autores citados doravante, através da variante em língua inglesa “witch”. Todas as utilizações desse termo no artigo serão feitas de acordo com a terminologia utilizada pelos autores comentados.

portanto, quais atributos de Méroe estão de acordo com a tradição das “velhas envenenadoras” e quais fogem desta categoria.

Inserindo Méroe no grupo “*anus ueneficae*”

Em seu artigo de 2008, intitulado *Witch-Crafting in Roman Literature*, Elizabeth Pollard, ao analisar possíveis relações de crenças em bruxaria com as representações artísticas de mulheres praticantes de magia, propôs a separação de tais mulheres em dois grupos distintos para efeito de estudos. De um lado, a autora sugere o agrupamento das “prototípicas, icônicas e semidivinas manipuladoras de poderes mágicos” (POLLARD, 2008, p. 119), categoria na qual ela insere figuras mitológicas amplamente conhecidas, como Circe, Medeia e Dejanira. O segundo grupo, ao qual a autora direciona a maior parte de sua atenção, é constituído pelas personagens literárias definidas como “bruxas comuns”⁵, que, de acordo com Pollard, refletiriam um conjunto de preocupações concretas e estariam ligadas ao tipo de desconfiança que poderia gerar acusações de utilização da magia como meio de prejudicar outros indivíduos. A presença do primeiro grupo, que comporta personagens cujas realizações se concretizaram no passado mítico, é mais constante na literatura grega, enquanto o segundo seria uma exclusividade da tradição literária latina.

Sustentando posição semelhante em seu artigo *From Goddess to Hag: The Greek and the Roman Witch in Classical Literature*, Barbette Spaeth (2014, p. 41) afirma que “uma análise das representações clássicas de bruxas revela interessantes similaridades e diferenças importantes entre as fontes gregas e latinas”. Entre as semelhanças encontradas pela autora estão a utilização de poções, as associações à deusa Hécate e a libido exacerbada verificada nos dois grupos. A distinção mais clara proposta por Spaeth tem a ver com o julgamento feito a cada um dos grupos, com as “bruxas latinas” sendo representadas de maneira muito mais negativa que a contraparte grega. Enquanto as mulheres usuárias de magia encontradas na literatura grega de tradição mitológica geralmente são jovens e belas, a índole cruel e o temperamento perverso das personagens da tradição literária latina são reforçados por sua aparência desprezível, a idade avançada e as técnicas vis por elas empregadas (SPAETH, 2014, p. 46-47). Assim como os demais

⁵ *Common witches*, no original.

autores citados anteriormente, Spaeth posiciona Méroe como uma representante das “bruxas” da tradição latina.

Das ações e características atribuídas à Méroe, ao menos sete fazem parte do conjunto de representações normalmente utilizadas pelos autores para as *anus ueneficae*. São elas: inversão dos elementos da natureza, capacidade de gerar paixões, idade avançada, embriaguez, realização de rituais sepulcrais, atividade noturna e mutilação de um corpo. Vejamos cada uma dessas características e como elas fazem com que a personagem de Apuleio se relacione com as demais *ueneficae* da literatura latina.

A inversão dos elementos da natureza é uma das ações mais imediatamente associadas a estas personagens, e foi utilizada, de alguma maneira, por todos os autores que as inseriram em suas obras. Algumas das descrições incluem a retirada da Lua e dos astros do céu, a reversão do curso dos rios, a suspensão da terra e a iluminação do mundo inferior. No caso de Méroe, são citadas as duas últimas (Apul. *Met.* 1.8). A suspensão da terra já havia sido citada por Horácio (*Epod.* 5.79-80) como uma das capacidades da *uenefica* Canídia e por Petrônio (*Sat.* 63) para as *strigae*. Com exceção de Petrônio, o controle dos astros celestes foi utilizado por todos os autores que representaram *anus ueneficae* (Hor. *Sat.* 1.8.35; *Epod.* 5.45-46; Tib. 1.2.43; Prop. 4.5.14; Ov. *Am.* 1.8.11-12; Luc. 6.499-500).

A capacidade de gerar paixões está ligada à libido exacerbada dessas personagens. Essa característica é utilizada, sobretudo, pelos autores de elegia erótica, gênero literário com grande ênfase na vida amorosa. Entre os elegíacos, Tibulo (1.2.59-60) faz menção a uma *saga* capaz de fazer ceder ou fortalecer o amor, enquanto Propércio (4.5.5-8) confere à *lena* Acântis a capacidade de causar paixão em figuras mitológicas notórias pela castidade, como Hipólito e Penélope. Na poesia de Horácio, em diferentes momentos, Canídia se gaba de ser capaz de causar paixão conforme sua vontade (Hor. *Epod.* 5.79-82, 17.80).

Todas as descrições de *ueneficae* da literatura apontam para a idade avançada dessas mulheres. Uma forma de fazê-lo é retratá-las como velhas desdentadas, como faz Horácio (*Sat.* 1.8.48-49), ou de pele enrugada, conforme a poesia de Ovídio (*Am.* 1.8.122). Outra maneira é simplesmente denominá-las a partir do termo *anus* (velha), como Apuleio (*Met.* 1.7) faz com Méroe. Além dele, Ovídio (*Am.* 1.8.2; *Fast.* 2.582) e Petrônio (*Sat.* 122) também utilizam o termo para se referirem a esse tipo de figura.

A embriaguez de Méroe é referida de maneiras distintas por Apuleio. Em sua narrativa, Sócrates afirma que a própria velha, estando bêbada (*temulenta*), havia revelado

a ele parte de seus feitos. O próprio nome da personagem sugere um jogo de palavras⁶ com essa característica, uma vez que *merum* significa vinho forte, e pode ser utilizado, de maneira figurada, para o próprio ato de beber (GLARE, 2012, p. 1214). Ovídio é o autor que mais utiliza o tema da embriaguez associado às *anus*. Na oitava elegia do primeiro livro de *Amores*, o poeta (1.8.3-4) cita duas vezes a embriaguez da velha alcoviteira Dipsas, cujo nome é derivado do verbo grego *dipsáō*, denotando sua sede (LIDELL; SCOTT, 1889, p. 206). Já nos *Fastos*, Ovídio (2.582) nos apresenta a uma *anus* que se embriaga enquanto realiza seus rituais. Propércio, por outro lado, parece fazer alusão à ebriedade de Acântis ao rogar que, após sua morte, o espírito da velha sofra de sede e que seu túmulo seja como uma ânfora de gargalo curto (Prop. 4.5.75).

Também são recorrentes na literatura os rituais sepulcrais (*deuotiones sepulcrales*), por meio dos quais Méroe teria sido capaz de manter reféns os habitantes da cidade que se revoltaram contra seus crimes. Horácio dedica uma sátira inteira à invasão de um antigo cemitério pelas *ueneficae* Canídia e Sagana (Hor. *Sat.* 1.8), com o objetivo de invocar um fantasma a partir de um buraco cavado no chão. Ao descrever as ações da *lena* que tenta aliciar sua amada, Tibulo a acusa de buscar ervas sepulcrais (Tib. 1.5.53-54), enquanto Ovídio afirma que a *anus* Dipsas consegue evocar das sepulturas os antigos descendentes (Ov. *Am.*1.8.17). Já Lucano descreve a alegria de Ericto ao roubar das sepulturas os ingredientes necessários para a realização de seus rituais (Luc. 6.525-526). O tema da utilização de ingredientes retirados de corpos já sepultados é retomado ao menos duas vezes por Apuleio na obra: quando Birrena, a tia de Lúcio, descreve os crimes cometidos pelas mulheres da Tessália e no momento em que a criada Fótis descreve a oficina onde sua ama Pânfila realiza seus encantamentos (Apul. *Met.* 2.20, 3.17).

A invasão de Méroe e Pântia ao quarto dos viajantes ocorre durante a madrugada. As ações de *ueneficae* durante a noite são uma constante na literatura. Horácio descreve a presença da Lua quando essas mulheres se reúnem para realizar seus rituais (Hor. *Sat.* 1.8.20-21). Ovídio descreve a maneira como velhas, transformadas em aves por meio de encantamentos, voam pela noite atacando as crianças (Ov. *Fast.* 6.135) e como a *anus* Dipsas viaja pelas sombras noturnas com seu corpo coberto de penas (Ov. *Am.* 1.8.13). Petrônio, valendo-se do mesmo tema utilizado por Ovídio, insere no *Satyricon* um

⁶ Os jogos de palavras nos nomes dos personagens são constantes no texto, conforme observado por Andreas Michalopoulos. O próprio nome de Méroe parece conter diversos significados. Além da associação da velha com a bebida, existe uma aproximação também bastante clara com a cidade egípcia homônima. Sendo o Egito associado a rituais mágicos na época de Apuleio, esse nome confere à mulher um caráter sobrenatural ainda maior. (MICHALOPOULOS, 2006, p. 176-178).

episódio no qual o cadáver de uma criança é furtado por mulheres em forma de ave. Na passagem em questão, além de atacarem a partir das sombras, essas mulheres são denominadas como “noturnas” (*nocturnae*) (Petr. *Sat.* 63). Ericto realiza encantamentos que, de acordo com Lucano (6.624), tornam a noite ainda mais negra para proporcionar um ambiente mais propício a seu ritual de invocação de um fantasma.

A ação de apanhar o sangue e arrancar o coração de sua vítima, praticada por Méroe, pode ser considerada como um ato de mutilação com a finalidade de colher ingredientes. De acordo com Lucano (6.750), Ericto não se furta a praticar homicídios quando necessita de sangue para suas atividades, e são diversas as passagens nas quais o autor descreve as maneiras como ela depreda cadáveres (6.558-830). No poema de Horácio (*Epod.* 5.37-40), no qual as *ueneficae* preparam o sacrifício ritual do menino, é revelado que o objetivo das velhas é utilizar os órgãos da criança na confecção de uma poção do amor. Petronio (*Sat.* 63), ao descrever o corpo infantil furtado pelas *strigae*, descreve-o como “sem coração, sem entranhas e nem nada” (*non cor habebat, non intestina, non quicquam*), possivelmente fazendo alusão ao fato de que seus órgãos seriam retirados do corpo. O tema é retomado por Apuleio nos dois livros seguintes (Apul. *Met.* 2.20, 3.17).

Por fim, a associação das *ueneficae* com a região da Tessália na literatura latina antecede a obra de Apuleio em pelo menos dois séculos. Horácio (*Epod.* 5.45) afirma que Fólia de Rimini utiliza “voz tessália” (*uox Thessala*) para encantar os astros e Lucano (6.430-505) dedica uma longa passagem de seu épico à narrativa dos poderes e da crueldade das mulheres da Tessália. Posteriormente, nas *Metamorfooses* (2.22), a fama das mulheres da região é confirmada durante o banquete realizado por Birrena.

Afastando Méroe do grupo “*anus ueneficae*”

A comparação das ações de Méroe com as de outras personagens do grupo das *anus ueneficae* não deixa dúvidas de que Apuleio tenha se utilizado de tal repertório para a construção da personagem. Contudo, mesmo que possua semelhanças contundentes, Méroe também nos apresenta algumas peculiaridades relevantes, que a afastam das demais personagens. A capacidade de metamorfosear outros (e não apenas a si própria) em animais, sua descrição como uma mulher atraente (*scitula*) a despeito de sua idade avançada e a denominação de *femina diuina* (mulher divina) são características que não

aparecem em qualquer outra representação de personagens do tipo *uenefica*, fazendo com que se questione a real posição de Méroe dentro deste grupo.

É bastante evidente a proximidade das *ueneficae* com o mundo animal. Ela pode ocorrer pela execução de ações típicas de animais (como uivar, cavar a terra com as mãos, mutilar cadáveres com os dentes ou as unhas etc.) por parte dessas mulheres, pela utilização de um vocabulário próprio ao mundo animal pelos autores ou através de episódios contendo, literalmente, uma transformação física em animal. Dessa maneira, Horácio descreve a *uenefica* Canídia como “uivante” (*ululans*) e Sagana como um “ouriço-do-mar ou javali em investida”, graças aos cabelos ralos e ásperos (Hor. *Sat.* 1.8.25; *Epod.* 5.27-28). Petrônio (*Sat.* 63) afirma que as *strigae* (o próprio termo já as aproxima das corujas) faziam sons de cães pela noite. As associações de Ericto com as feras na *Farsália* são as mais numerosas. Além de descrevê-la como um animal de rapina, Lucano (6.668-690) descreve sua voz contendo o som de feras (como o uivar dos lobos, o ladrar dos cães, o sibilar das cobras etc.). Metamorfoses literais são apresentadas por Propércio (4.5.13), Ovídio (*Am.* 1.8.13-14) e pelo próprio Apuleio, com destaque para o episódio narrado por Telifron, no qual uma dessas mulheres se transforma em doninha para enganar o jovem vigia (Apul. *Met.* 2.25).

Passagens como as supracitadas levaram Spaeth a notar que, na literatura latina, as bruxas se confundem com a própria natureza (SPAETH, 2014, p. 42-44). No caso das *ueneficae*, contudo, isso fica restrito aos seus próprios corpos. Outros autores de língua latina não conferem a essas personagens a capacidade de metamorfosear outras pessoas. Na tradição grega, no entanto, não é difícil encontrar uma *pharmakís* capaz e predisposta a transformar terceiros em animais. No décimo canto da Odisseia (10.233-243, 10.281-301), somos informados da maneira como Circe transformara em bestas os nautas de Odisseu e a forma como ela pretendia fazer o mesmo com o herói – que consegue escapar graças à intervenção de Hermes.

A segunda característica distinta de Méroe é ser atraente (*scitula*), mesmo que velha. Novamente, trata-se de uma característica sem precedentes para o grupo das *anus ueneficae*. Pelo contrário, os autores normalmente se referem a ela com adjetivos como “horrendas” (*horrendae*) ou “repugnantes” (*foedae*) e reforçam sua decrepitude a partir das descrições de suas peles enrugadas e pálidas e dos cabelos grisalhos ralos e despenteados (Hor. *Sat.* 1.8.26; Ov. *Am.* 1.8.111-112; Luc. 6.516). Novamente, será nas *pharmakeís* da literatura grega, e não nas *ueneficae* da tradição romana, que encontramos um modelo que poderia ter inspirado o autor madaurasense a romper com o legado da

“feiura” para a velha Méroe. Além de Circe, as *pharmakeís* Medeia e Dejanira também são responsáveis por despertar o desejo de heróis. Saindo da literatura de temas mitológicos, no período helenístico, Teócrito (*Id.* 2) dedicou um poema inteiro às práticas mágicas de uma mulher. No texto, muitas vezes denominado como *Pharmakeutriaí*, o poeta nos apresenta Simaeta, uma amante abandonada que realiza rituais à Hécate com o intuito de recuperar o amor do homem que a havia abandonado. Embora não haja uma descrição física da personagem, sua relação amorosa é anterior à utilização do recurso mágico, que é utilizado com o intuito de fazer o amante retornar, e não necessariamente se interessar pela mulher. Na obra de Apuleio, Sócrates afirma ter contraído uma “união pestilenta” (*pestilens coniuctio*) após haver se deitado com Méroe pela primeira vez. Novamente temos um afastamento das demais *ueneficae* – que recorrem às suas artes como primeiro recurso para causar a atração – e uma aproximação com uma personagem de origem grega.

O último aspecto de Méroe a ser destacado é sua apresentação como uma *femina diuina*. Embora seja possível argumentar que Aristômenes seja irônico ao chamá-la de “poderosa e real taberneira” (*potens et regina caupona*), a designação de *femina diuina* por Sócrates, durante a narrativa dos feitos de Méroe, possui um tom sério e grave. De todas as particularidades dessa personagem, essa provavelmente é a que mais a afasta das demais. Todos os autores latinos anteriores a Apuleio são muito precisos ao representarem a oposição das *ueneficae* ao mundo sagrado. Horácio define Canídia e suas cúmplices como “ímpias”, enquanto Lucano utiliza o termo *nefas* e seus derivados em diferentes momentos ao narrar as ações de Ericto (Luc. 6.510, 6.527, 6.569, 6.695, 6.706). Além disso, no poema de Horácio, Sagana – em uma clara inversão de uma purificação religiosa – asperge as águas do Averno antes das velhas realizarem o ritual de sacrifício do menino sequestrado que, por sua vez, alerta que Júpiter seria contrário às ações delas (Hor. *Epod.* 5.25-26, 5.8-9). Já Lucano afirma que Ericto vivia em uma caverna nas planícies de Farsália por se recusar a morar sob um teto consagrado aos deuses (Luc. 6.510-513).

Outras atitudes, como a própria inversão da natureza, a perturbação dos espíritos e a pilhagem e depredação de locais sagrados, como templos e cemitérios, recorrente em todos os autores que apresentam personagens do grupo, devem ser consideradas como representativas da natureza nefasta dessas mulheres. Tudo isso fez com que Pollard (2008, p. 127) observasse que a presença de tais personagens poderia estar ligada a um receio dos romanos com relação à posse e transmissão entre mulheres de conhecimentos e rituais

inapropriados. Sendo assim, é bastante surpreendente o emprego do adjetivo “divina” para qualificar Méroe.

Enquanto as equivalências entre Méroe e as demais *ueneficae* são mais facilmente compreendidas, já que seguem com rigor a tradição literária, o mesmo não pode ser dito sobre as disparidades entre elas. Quais razões poderiam ter levado Apuleio a afastar sua personagem daquelas que visivelmente possuem tantas semelhanças com ela? E por que apenas o autor madaurense o fizera? Algumas hipóteses podem ser lançadas para explicar tal fato.

A primeira delas tem a ver com o distanciamento – tanto geográfico quanto cronológico – do autor com relação aos demais. Apuleio é o único dos autores a representar personagens do grupo das *anus ueneficae* cuja obra não se situa nos períodos convencionalmente chamados de “período de ouro” e “período de prata” da literatura latina. O fato de quase todas as produções contemporâneas às *Metamorfoses* terem se perdido torna impossível verificar se as peculiaridades encontradas em Méroe são próprias à personagem ou se eram uma tendência do período em questão.

Com relação ao distanciamento geográfico, é importante observar que, dentre os autores que retrataram as *ueneficae*, Apuleio é o único oriundo de uma província romana situada fora do continente europeu. Além de ser natural de Madauros, território da Roma africana, Apuleio passou grande parte de sua educação na Grécia. Podemos imaginar que as *ueneficae* fossem figuras próprias ao imaginário popular da Península Itálica, e que, portanto, talvez não fossem tão próximas a Apuleio, que poderia conhecê-las por via literária ao invés de variações folclóricas regionais. Duas evidências ajudam a sustentar essa hipótese. Em sua obra coincidentemente denominada de *Metamorfoses*, também datada do século II d.C. e na qual reúne uma série de passagens mitológicas, o autor e gramático grego *Antoninus Liberalis* propõe uma versão para o surgimento da ave *stríx*⁷. De acordo com o gramático, a obra *Ornitogonia*, de *Boeu*, seria a fonte dessa versão grega da origem da *stríx*, distinta daquela apresentada por Ovídio nos *Fastos*, em que tal ave é apresentada como velhas transformadas por meio de encantamentos. Na versão relatada por *Liberalis*, os deuses teriam transformado a princesa Polifonte⁸ em *strix* como punição

⁷ De acordo com o *Greek-English Lexicon* (LIDDELL; SCOTT, 1996, p. 1654), o termo grego *stríx* significaria apenas coruja (*owl*). A variante *stlîx* também é atestada. Já o *Oxford Latin Dictionary*, embora aponte a origem grega do termo latino *strix*, acrescenta a ele o significado de “vampiro ou espírito maligno” (a *vampire or evil spirit*), assim como o faz com o termo *striga* (GLARE, 2012, p. 2015-2016).

⁸ Princesa trácia, filha de Hipônoo e Trassa. Após consagrar sua virgindade à Ártemis, foi condenada pela deusa Afrodite, que a fez apaixonar-se por um urso. Os dois filhos nascidos da união (Ágrio e Oreio)

pelos crimes cometidos por seus filhos (Ant. Lib. *Met.* 21). A versão em questão sugere que na Grécia, até o século II d.C., as *striges* talvez não fossem associadas à figura das *anus ueneficae* – como ocorre nos textos latinos desde os séculos anteriores.

Outra evidência é oferecida pelo classicista John Lawson, que estudou a permanência dos temas da antiguidade no folclore grego moderno durante a primeira década do século XX. O autor (1964, p. 179-184) recolheu na Grécia relatos sobre as *strûggai*, mulheres que durante a noite se transformam em aves para apanhar crianças, das quais se alimentam. São claras as correspondências dessas mulheres com as *anus* da literatura latina, que se transformam nas corujas *striges* para atacar infantes, conforme descrito por Ovídio e Petrônio. Lawson concluiu que esta representação teria de ser de origem itálica, tanto por sua presença nas obras latinas desde o período clássico quanto pelo fato de os gregos utilizarem o sufixo “-ula” (formador de diminutivo de origem latina) para gerar um dos termos utilizado para defini-las: *stríggla*. O argumento parece convincente e explica por que não encontramos mulheres desse tipo na literatura grega da antiguidade – já que a propagação da crença pela Grécia pode ter ocorrido posteriormente.

Além de cumprir parte de sua educação na Grécia, Apuleio utilizou um texto grego como base para compor sua obra. No texto original, intitulado *Lúcio ou o Asno*⁹, o protagonista também é transformado em animal através de um unguento, preparado pela esposa de seu anfitrião durante sua viagem pela Tessália (LUCIAN. *Lucius or the Ass.* 6). Não há dúvidas de que a transformação do narrador da obra de Apuleio tenha sido retirada do original, assim como a figura da anfitriã capaz de transformá-lo. Contudo, na versão grega, estão ausentes quase todas as capacidades típicas das *ueneficae* latinas. Enquanto Apuleio descreve Pânfila como uma mulher capaz de ressuscitar mortos, produzir tempestades, controlar as estrelas e outras façanhas próprias das *anus* latinas, no texto grego a personagem original – que nem ao menos é nomeada – é descrita apenas como uma “maga terrível”¹⁰ capaz de transformar em animais os jovens que a rejeitam.

atacavam os viajantes na estrada, por vezes alimentando-se de seus corpos. Como castigo, mãe e filhos foram transformados pelos deuses em aves. Polifonte tomou então a forma da coruja *strix*.

⁹ A autoria desta obra é alvo de disputas, tendo sido muitas vezes creditada a Luciano de Samósata (cujos manuscritos continham o texto recuperado de *Lúcio ou o Burro*). Há outras versões gregas do “Romance do Burro”, comentadas pelo gramático Photius, de Constantinopla, porém perdidas. Tais versões seriam mais extensas, e Photius defende que o texto atribuído a Luciano seja um resumo. De qualquer maneira, as semelhanças da versão de Apuleio com o texto original podem ser observadas em inúmeras passagens, não restando dúvidas de que o autor latino recorreu a pelo menos uma das versões gregas mais antigas. (MACLEOD, 1967, p. 47-51)

¹⁰ Curiosamente, o termo utilizado é a forma masculina “*mágos*”, embora o adjetivo “*deinós*” (“terrível”) seja utilizado em sua forma feminina (*deiné*) para qualificá-la.

Nesse sentido, temos uma personagem muito mais próxima da *pharmakís* Circe que das *anus* latinas.

Afora aproximar a figura grega de sua anfitriã ao estereótipo latino das envenenadoras, Apuleio também é o responsável por inserir os demais trechos contendo velhas deste tipo – Méroe sendo uma delas. Não existe uma passagem equivalente à narrativa do viajante sobre a “poderosa taberneira” na versão grega, sendo ela exclusiva ao texto de Apuleio. Assim como foi capaz de fundir as características básicas dos dois grupos de personagens (gregas e latinas) na imagem de Pânfila, podemos imaginar que o autor tenha feito o mesmo com Méroe. Tal hipótese ganha ainda mais força se considerarmos que a função da taberneira na obra seja preparar o leitor para o episódio da transformação do narrador em burro, operada pelo unguento de uma personagem equivalente à *pharmakís* da obra original. Com isso, é possível compreender as razões pelas quais Méroe apresenta características tão divergentes das *ueneficae*, embora haja uma clara aproximação com uma dessas *anus*. As três principais particularidades apresentadas pela personagem podem ser facilmente compreendidas se considerarmos sua aproximação com as *pharmakeís* presentes na literatura grega antiga: a capacidade de transformar homens e animais, sua beleza e seu caráter supostamente divino a afastam momentaneamente de personagens como Canídia e Ericto para aproximá-la de outras como Circe e Medeia.

Conclusão

Embora seja claro que Apuleio tenha utilizado o conjunto de características próprias às *anus ueneficae* – figuras extremamente populares na literatura latina dos séculos anteriores – para a construção de Méroe, uma análise cuidadosa de todas as características da personagem revelou a existência de pontos de afastamento relevantes entre ela e as primeiras. Seguindo a proposta de autores como Spaeth e Pollard, separamos o grupo das “bruxas latinas” (*anus ueneficae*) das “feiticeiras gregas” (*pharmakeís*). Não houve dificuldades na aproximação de Méroe às personagens do grupo latino quando considerado todo o conjunto de características nele recorrentes. A relação de Méroe com as demais *anus ueneficae* é evidente e fez com que diversos autores a considerassem como uma representante expressiva desse grupo de personagens. Os pontos nos quais a personagem de Apuleio se afasta da representação habitual das *ueneficae*, contudo, não são insignificantes e nem devem ser desconsiderados para sua classificação no imaginário

antigo. Mais do que simplesmente fugir dos padrões usuais ao grupo, tais características são exatamente contrárias a eles e afastam Méroë das *ueneficae* para aproximá-la das *pharmakeís* gregas.

Sabendo da delimitação dos dois grupos e das diferenças de representação entre eles, é surpreendente que Méroë possa ser relacionada a ambos simultaneamente. Além de inserir a personagem em uma posição muito especial dentro da literatura antiga, tal constatação também é reveladora da capacidade de Apuleio de subverter uma representação tão amplamente utilizada na literatura de língua latina dos séculos anteriores. Tal capacidade pode ser explicada, ao menos em parte, pelo afastamento – tanto temporal quanto espacial – do autor com relação aos demais que apresentaram as *ueneficae* em suas obras. Isso porque Apuleio é, ao mesmo tempo, o único a ter composto sua obra no século II d.C. e a ter nascido e vivido a maior parte de sua vida na África romana, o que ajuda a explicar as peculiaridades da personagem por ele criada.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO

- APULEIUS. *Metamorphoses* (2 vols). Editado e traduzido por Arthur Hanson. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- HOMER. *Odyssey* (2 vols.). Editado por Jeffrey Henderson. Traduzido por A. T. Murray. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- HORACE. *Odes and Epodes*. Editado e traduzido por Niall Rudd. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- HORACE. *Satires – Epistles – Art of Poetry*. Editado por Jeffrey Henderson e traduzido por Rushton Fairclough. Cambridge: Harvard University Press, 1929.
- LIBERALIS, Antoninus. *Les Métamorphoses*. Estabelecido e traduzido por Manolis Papatomopoulos. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- LUCAN. *The Civil War (Pharsalia)*. Traduzido por J. D. Duff. Cambridge: Harvard University Press, 1928.
- LUCIAN. Lucius or the Ass. In: *Lucian – Volume VIII*. Editado por Jeffrey Henderson e traduzido por M. D. Macleod. Cambridge: Harvard University Press, 1967.
- OVÍDIO. *Heroides – Amores*. Traduzido por Grant Showerman. Cambridge: Harvard University, 1914.
- OVÍDIO. *Fastos*. Tradução Márcio Meirelles Gouvêa Júnior; revisão da tradução Júlia Batista Castilho de Avellar. Belo Horizonte: Autêntia Editora, 2015.
- PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução: Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.
- PROPÉRCIO. *Elegias de Sexto Propércio*. Organizado e traduzido por Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntia Editora, 2014.
- TIBULLUS. *Catullus, Tibullus and Pervigilium Veneris*. Traduzido por F. W. Cornish. Cambridge: Harvard University Press, 1921.

OBRAS DE REFERÊNCIA

GLARE, P. G. W. *Oxford Latin Dictionary*. 2 Vol. 2ª Ed. Oxford: Oxford University Press, 2016.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A lexicon, abridged from Liddell & Scott's Greek-English lexicon*. London: Oxford Clarendon Press, 1889.

_____. *A Greek-English lexicon*. London: Oxford Clarendon Press, 1996.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CITRONI, Mario *et al.* *Literatura de Roma Antiga*. Trad: MEDEIROS, Walter de; MIRANDA, Margarida; HIPÓLITO, Isaías. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, D.L. 2006.

MACLEOD, M. D. Lucius or The Ass. In: *Lucian – Volume VIII*. Editado por Jeffrey Henderson e traduzido por M. D. Macleod. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 47 – 51.

FRANGOULIDIS, Stravos. *Witches, Isis and Narrative*. Berlim: Walter de Gruyter, 2008.

GEERTZ, Hildred. An anthropology of religion and magic, I. *The Journal of Interdisciplinary History, Massachusetts*, v. 6, n. 1, p. 71-89, 1975.

GRAF, Fritz. *Magic in the Ancient World*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

LAWSON, John Cuthbert. *Modern Greek Folklore and Ancient Greek Religion*. New York: University Books, 1964.

MICHALOPOULOS, Andreas. Naming the characters: the cases of Aristomenes, Socrates and Meroe in Apuleius' *Metamorphoses* (1.2-19). In: BIVILLE, Frédérique; BOOTH, Joan; MALTBY, Robert (org.). *What's in a name?: the significance of proper names in classical Latin literature*. Swansea: Classical Press of Wales, 2016.

OGDEN. *Night's Black Agents: Witches, Wizards and the Dead in the Ancient World*. London: Hambledon Continuum, 2008.

POLLARD, Elizabeth Ann. Witch-Crafting in Roman Literature and Art: New Thoughts on an Old Image. In: *Magic, Ritual and Witchcraft*. University of Pennsylvania Press. v. 3, n. 2, 2008, p. 119 – 155.

SPAETH, Barbette Stanley. From Goddess to Hag: The Greek and Roman Witch in Classical Literature. In: STRATTON, Kimberly; KALLERES, Diana S. (org.). *Daughters of Hecate: Women and Magic in the Ancient World*. New York: Oxford University Press, 2014, p. 41 – 70.